



DONATELLA DI PIETRANTONIO
BESTSELLER INTERNACIONAL

A DEVOLVIDA

ELA FALAVA UMA OUTRA LÍNGUA E NÃO PERTENCIA
A NENHUM LUGAR... ERA SEMPRE UMA HÓSPEDE.



DONATELLA DI PIETRANTONIO

A DEVOLVIDA

ELA FALAVA UMA OUTRA LÍNGUA E NÃO PERTENCIA
A NENHUM LUGAR... ERA SEMPRE UMA HÓSPEDA.

TRADUÇÃO:
MARIO BRESIGHELLO



© 2017 GIULIO EINAUDI EDITORE S.P.A., TORINO. WWW EINAUDI.IT
© 2017 DONATELLA DI PIETRANTONIO - L'ARMINUTA

COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2019

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**

Coordenação editorial **CARLA SACRATO**

Preparação **LUIZA DEL MONACO**

Revisão **BARBARA PARENTE**

Capa e projeto gráfico **OSMANE GARCIA FILHO**

Foto de capa **EFIM SHEVCHENKO | TREVILLION IMAGES**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Pietrantonio, Donatella di

A devolvida / Donatella di Pietrantonio ; tradução de Mario Bresighello. — São Paulo : Faro Editorial, 2019.
160 p.

ISBN 978-85-9581-089-1
Título original: L'Arminuta

1. Literatura italiana I. Título II. Bresighello, Mario

19-0491

CDD 853

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura italiana 853



1ª edição brasileira: 2019

Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,
adquiridos por FARO EDITORIAL

Avenida Andrômeda, 885 - Sala 310
Alphaville — Barueri — SP — Brasil
CEP: 06473-073
www.faroeditorial.com.br

1

AOS TREZE ANOS, EU AINDA NÃO CONHECIA MINHA
outra mãe.

Subi com esforço as escadas da sua casa com uma mala pesada e uma bolsa cheia de pares de sapatos misturados. Lá no alto, fui recebida pelo cheiro de fritura recente e alguns minutos de espera. A porta estava emperrada e não queria se abrir. Alguém lá dentro mexia no trinco e a sacudia sem dizer nada, atrapalhando-se com a fechadura. Vi uma aranha balançando no vazio, pendurada na extremidade do seu fio.

Depois do clique metálico, apareceu uma menina com as tranças bagunçadas, certamente feitas já há algum tempo. Era minha irmã. Eu nunca a tinha visto antes. Abriu um pouco a porta para eu passar, mantendo os olhos curiosos sobre mim. Éramos parecidas naquela época, mais do que quando nos tornamos adultas.

2

A MULHER QUE HAVIA ME CONCEBIDO NÃO SE

mexeu da cadeira. O menino que tinha nos braços mordida o polegar em um canto da boca, provavelmente no local onde começava a nascer um dente. Os dois me olhavam e, com a minha chegada, ele interrompeu seu choramingo monótono. Eu não sabia que tinha um irmão tão pequeno.

— Você chegou — disse ela. — Deixe suas coisas aí no chão.

Tudo o que eu fiz foi baixar os olhos na direção do cheiro de sapato usado que exalava da minha bolsa. Do quarto do fundo, com a porta encostada, vinha um ronco contínuo e sonoro. O menino recomeçou a resmungar e se virou na direção do peito da mãe, colando os lábios nas flores suadas do algodão desbotado.

— Não vai fechar a porta? — perguntou secamente a mãe para a menina que tinha ficado imóvel. — E a pessoa que trouxe você não vai subir? — ela indagou, agora para mim, indicando a direção da porta com o queixo pontudo.

O tio, como aprendi a chamá-lo, entrou naquele exato momento, sem ar depois de subir as escadas. No calorão daquela tarde de verão, segurava um cabide com um casaco novo em folha e do meu tamanho.

— Sua esposa não veio? — perguntou-lhe minha primeira mãe, levantando a voz para encobrir o lamento que aumentava em seus braços.

— Não sai da cama — ele respondeu virando a cabeça. — Ontem também saí para comprar alguma coisa para o inverno — disse, mostrando-lhe a etiqueta do meu casaco novo.

Fui até a janela que estava aberta e coloquei minhas coisas ali no chão. Ao longe, ouvi um barulho estrondoso, como pedras sendo descarregadas de um caminhão.

A dona da casa decidiu oferecer café ao hóspede, dizendo que o cheiro talvez acordasse o marido. Colocou o menino, que ainda chorava, no cercadinho, e passou da sala de jantar vazia à cozinha. Ele tentou se levantar, agarrando-se à rede, bem no pedaço em que havia um buraco remendado grosseiramente com barbante. Quando me aproximei, gritou mais ainda, raivoso. A irmã de todos os dias o tirou de lá com algum esforço e o deixou sobre o piso de granito. Ele engatinhou em direção às vozes que vinham da cozinha. O olhar escuro da garota foi do irmão até mim e depois se manteve baixo. Ficou impressionada com a fivela dourada dos meus sapatos novos, depois subiu os olhos pelas pregas azuis do vestido, ainda duras de fábrica. Às suas costas, voejava uma mosca enorme, que de tempos em tempos batia contra a parede em busca de algum buraco para sair dali.

— Esse vestido também foi aquele lá quem te deu? — perguntou devagar.

— Ele me deu ontem mesmo, para eu voltar para cá.

— O que ele é seu? — insistiu, curiosa.

— Um tio distante. Fiquei com ele e com a mulher dele até hoje.

— Então, quem é sua mãe de verdade? — perguntou, desanimada.

— Tenho duas. Uma delas é a sua mãe.

— Às vezes, ela me falava de uma irmã mais velha, mas eu não acredito muito no que ela diz.

De repente, a menina agarrou a manga do meu vestido como quem investiga cada detalhe passando os dedos.

— Daqui a pouco não vai mais te servir. No ano que vem você vai passar para mim, então tome cuidado para não estragar.

O pai saiu descalço do quarto, bocejando. Veio sem camisa. Ele me viu, enquanto seguia o aroma de café.

— Você chegou — disse ele para mim, exatamente como sua mulher.

3

DA COZINHA, AS PALAVRAS CHEGAVAM RARAS E

desanimadas, as colheres de café não tilintavam mais. Quando escutei o barulho das cadeiras se arrastando, senti o medo travar a garganta. O tio, então, veio na minha direção para se despedir e, com um tapinha na minha bochecha, disse:

— Comporte-se bem.

— Esqueci um livro no carro, vou descer para pegar — disse acelerada e o segui pelas escadas.

Com o pretexto de procurar no porta-luvas, entrei no carro, fechei e tranquei a porta.

— Mas o que você está fazendo? — perguntou ele já sentado diante do volante.

— Eu vou voltar com você, prometo que não vou dar trabalho nenhum. Pelo contrário, a mamãe está doente e precisa da minha ajuda. Eu não vou ficar aqui, não conheço ninguém lá de cima.

— Não comece de novo. Tente ser razoável. Seus pais verdadeiros estão te esperando. Eles gostarão de você. Vai ser divertido viver em uma casa com seus outros irmãos. — Ele bafejava na minha cara o café que havia bebido há pouco, misturado com o odor do seu hálito.

— Eu quero viver na minha casa, com vocês. Se fiz alguma coisa de errado, é só me dizer e eu não farei mais. Mas não me deixe aqui.

— Desculpe, mas não podemos mais ficar com você. Nós já te explicamos tudo. Agora, por favor, pare de fazer birra e saia do carro — ele reiterou, olhando para o nada.

Debaixo da barba por fazer há alguns dias, a musculatura do maxilar tensa indicava que estava para ficar com raiva.

Desobedeci e teimei em resistir. Ele então deu um soco no volante e saiu para me arrancar do espacinho na frente do banco, embaixo do porta-luvas, onde fiquei agachada. Abriu a porta com a chave e me agarrou por um braço, rasgando um pouquinho a costura da alça do vestido que ele tinha acabado de comprar. Naquele apertão, não reconhecia mais a mão do pai de poucas palavras com quem tinha morado até aquela manhã.

Na vaga onde estava o carro ficaram apenas as marcas dos pneus e eu. E o cheiro de borracha queimada tomou o ar. Quando levantei a cabeça, das janelas do segundo andar, alguém da minha família imposta me olhava.

Ele voltou meia hora depois, escutei as batidas na porta e depois sua voz no hall. Eu o perdoei no mesmo instante e corri para pegar minhas coisas, mas quando cheguei à porta ele já estava lá embaixo, no fim da escada. Minha irmã segurava um pote de sorvete de creme, o meu preferido. Tinha voltado só para isso, não para me levar embora. E quem tomou aquele sorvete foram os outros, naquela tarde de agosto de 1975.

4

NO FIM DA TARDE, OS RAPAZES MAIS VELHOS VOL-

taram para casa, um deles me cumprimentou com um assobio, o outro nem me viu. Foram direto para a cozinha, disputando para ver quem se sentava primeiro à mesa, onde a mãe já tinha servido o jantar.

Encheram seus pratos respingando molho para todo lado. Até mim, chegou apenas uma almôndega esponjosa sobre um resto de condimento. Por dentro ela era esbranquiçada, feita de pão velho amolecido e quase nenhuma carne. Comemos almôndega de pão com mais pão mergulhado no molho, para encher a barriga.

Depois de alguns dias, eu aprendi a disputar a comida e a prestar atenção no prato para defendê-lo dos ataques dos garfos alheios. Mas, naquele primeiro dia, acabei perdendo o pouco que a mãe havia acrescentado à minha pequena porção.

Foi só depois do jantar que meus primeiros pais se lembraram de que na casa não tinha uma cama para mim.

— Esta noite você dorme com sua irmã. Vocês duas são magricelas — disse o pai. — Amanhã a gente vê o que fazer.

— Para dormirmos juntas, temos de nos deitar ao contrário — explicou-me Adriana —, a cabeça de uma perto dos pés da outra. Vamos lavá-los agora — ela me tranquilizou.

Colocamos os pés na mesma bacia, e ela se esforçou bastante para tirar a sujeira entre os dedos.

— Olhe que água preta — riu. — A sujeira era dos meus pés, os seus já estavam limpos.

Ela arranjou um travesseiro para mim e entramos no quarto sem acender a luz. Os outros rapazes respiravam como quem já havia caído no sono e o cheiro de suor era forte. Cochichando, nós nos ajustamos conforme ela tinha me dito que seria. O colchão de lã de carneiro era mole e deformado pelo uso, e eu afundava na metade do corpo. Ele exalava xixi impregnado, um cheiro novo e repulsivo para mim. Os pernilongos estavam ávidos por sangue e eu queria me cobrir um pouco mais com o lençol, mas, durante o sono, Adriana o puxava no sentido oposto.

De repente, seu corpo deu um sobressalto, talvez ela estivesse sonhando que caía. Movi devagarinho um de seus pés e recostei a minha bochecha na sola de seu pé, com cheiro de sabão ruim. Fiquei grudada quase toda a noite àquela pele áspera, seguindo o movimento das pernas. Sentia as bordas irregulares de suas unhas quebradas. Eu tinha uma tesourinha, na manhã seguinte eu poderia emprestar a ela.

O último quarto de lua apareceu na janela aberta e a atravessou. Restaram apenas o rastro das estrelas e a mínima sorte de enxergar, daquele ângulo, o céu sem os obstáculos de outras casas.

“Amanhã a gente vê o que fazer”, tinha dito o pai sobre a minha cama, mas depois se esqueceu. E eu e Adriana não lhe pedimos nada. Toda noite, ela me emprestava um pé para recostar a bochecha. E eu não tinha nada além daquele apoio naquela escuridão recheada de respirações.

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br



Há um grande número de portadores do vírus
HIV e de hepatite que não se trata.

Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e
hepatite é mais rápido do que ler um livro.

FAÇA O TESTE. NÃO FIQUE NA DÚVIDA!

CAMPANHA



ESTA OBRA FOI IMPRESSA PELA
GRÁFICA KUNST EM AGOSTO DE 2019